A DIFÍCIL TAREFA DO PAPEL MÃE DE SURDO E TRADUTORA-INTÉRPRETE DE LIBRAS/PORTUGUÊS: DESAFIOS E CONQUISTAS

THE DIFFICULT TASK OF THE ROLE OF A BOTH DEAF'S MOTHER AND SIGN LANGUAGE INTERPRETER: CHALLENGES AND ACHIEVEMENTS

Veridiane Pinto Ribeiro (IFSC – Campus Palhoça Bilíngue)
veridiane.ribeiro@ifsc.edu.br
https://orcid.org/0000-0003-3981-3909
Gabriela Machado Benaiter (IFSC – Campus Palhoça Bilíngue)
gmachadobenaiter@gmail.com
https://orcid.org/0009-0009-4975-6670

***RESUMO**: A motivação para essa pesquisa partiu das minhas experiências como mãe e professora intérprete. Os desafios enfrentados durante essa trajetória fizeram emergir a seguinte problemática: qual a realidade e como lidar com as questões emocionais vividas pela mãe de surdo que atua como tradutora-intérprete de Libras/português? Para responder essa problemática foi definido como objetivo geral analisar como se faz a constituição do sujeito intérprete enquanto mãe de surdo, e, para atingir o objetivo delineou-se a metodologia de natureza etnográfica. A pesquisa contou com a participação de nove mães tradutoras intérpretes. A análise da pesquisa foi de abordagem qualiquantitativa e o instrumento utilizado para a coleta de dados foi o Google Forms. Essa pesquisa mostrou que a manutenção do equilíbrio emocional diante de todas as adversidades que nos cercam diariamente é de grande complexidade.*

***PALAVRAS-CHAVE**: mães intérpretes; ética profissional; intérpretes de Libras*

***ABSTRACT**: The aim for this research came from my experiences as a mother and interpreter teacher. The challenges faced during this trajectory brought up the following issue: what is the reality and how to cope with emotional issues experienced by the mother of a deaf child who works as a language interpreter. To answer this problem, the general objective was to analyze how the interpreter subject is constituted as a deaf mother, and, to achieve this objective, the methodology of an ethnographic nature was outlined. The research included the participation of nine mothers who are translators and interpreters. The analysis of the research used a qualiquantitative approach and the instrument used for data collection*

was Google Forms. This research showed that maintaining emotional balance in face of all the adversities that surround us daily is very complex.

***KEYWORDS**: interpreter mothers; professional ethics; Libras interpreters*

1 Introdução

Este estudo foi desenvolvido por duas pesquisadoras, sendo uma delas mãe de uma pessoa surda. Durante essa trajetória materna foram descobertos sentimentos de incertezas e insegurança relacionados à comunicação e à educação de uma filha com as especificidades próprias de uma pessoa surda.

À medida que o universo dos surdos foi se descortinando, uma língua visuo-corpóreo-espacial passou a fazer parte do cotidiano dessa mãe, que assumiu o conhecimento adquirido atuando profissionalmente como tradutora-intérprete de Língua de Sinais e, posteriormente, como professora e intérprete, inclusive da própria filha.

A construção dessa experiência ocorreu com muito esforço pessoal, sofrimentos de toda ordem (emocionais e sociais), muita dedicação e questionamentos. Em muitos momentos sem conseguir apenas ser intérprete, pois as questões ligadas ao afeto se misturavam, fazendo com que a lógica da interpretação simplesmente ficasse de lado. Em muitos outros momentos, percebendo que outras mães, também intérpretes, tinham as mesmas atitudes. Foi então que a partir de relatos dos próprios surdos, reflexões foram despontando até chegar a este estudo.

Sabe-se que tradutores-intérpretes de Libras são responsáveis por mediar a comunicação de maneira neutra, garantindo o acesso à informação para a pessoa surda que se comunica por meio da Língua Brasileira de Sinais. Diante do dilema entre manter o profissionalismo e o sentimento enquanto mãe e tradutora-intérprete, emergiu a seguinte questão: qual a realidade e como lidar com as questões emocionais vividas pela mãe de surdo que atua como tradutora-intérprete de Libras/português?

Para responder a essa problemática, definiu-se como objetivo geral analisar como se faz a constituição do sujeito tradutor-intérprete de Libras/português enquanto mãe de surdo. Para alcançar o objetivo geral, definiram-se como objetivos específicos: i) identificar questões positivas e negativas da atuação da mãe enquanto tradutora-intérprete de seu filho surdo; ii) apontar as dificuldades de atuar profissionalmente, diferenciando as questões emocionais; iii) identificar alguns aspectos importantes da atuação e formação da mãe enquanto tradutora-

intérprete, contribuindo e auxiliando nas conquistas da comunidade surda, na educação bilíngue e no reconhecimento do sujeito surdo enquanto cidadão.

A metodologia delineada para alcançar os objetivos propostos é de natureza etnográfica, possibilitando uma coleta de dados que levou a uma análise de abordagem qualiquantitativa. O instrumento para coleta de dados utilizado foi o Google Forms. A pesquisa contou com a participação de nove mães tradutoras-intérpretes de Língua de Sinais de diferentes estados do Brasil.

A fundamentação teórica da presente pesquisa tem por embasamento a contextualização do nascimento de um filho surdo, que aborda questões emocionais acerca do nascimento de um filho, que gera expectativas e, neste caso, a descoberta da nova realidade: um filho surdo. Outra temática que vem somar a esse arcabouço teórico é a realidade do tradutor-intérprete e a relação com os surdos, numa abordagem que traz os principais conceitos concernentes a essa área de atuação.

A leitura deste texto poderá levar à reflexão da difícil arte de equilibrar razão e emoção quando se age como mãe de surdo e não como tradutora-intérprete de Libras/português.

2 A contextualização do nascimento de um filho surdo

O nascimento de um filho, a gestação, intencional ou casual, gera na família, especialmente na mãe, uma expectativa do nascimento do filho "perfeito", sadio, lindo e todas as qualidades possíveis em um ser. A família, ao se deparar com uma situação não desejada, como o nascimento de um bebê "diferente", na maioria das vezes, passa pelo que muitos chamam de "luto" e que, segundo Lopes e Santos (2020), pode ser considerado o processo caracterizado por reações como negação, raiva e depressão por parte da família, pois os pais precisam adaptar-se a uma nova identidade constituída a partir do fato de serem pais de surdos. A chegada de um novo e "diferente" membro à família pode ser muito difícil e pode acarretar uma série de mudanças familiares. Essas mudanças podem levar certo tempo para acontecer, pois, dependem da organização e estrutura familiar. Com relação a esse aspecto, Oliveira *et al*. (2004, p. 187). observaram que

> […] os primeiros momentos da descoberta da deficiência pela família são bastante traumáticos. É um período vivido com grande dificuldade pela família, que se vê obrigada a tomar outros caminhos, diferentes daqueles planejados e implementados, com o intento de encontrar maneiras para encarar as novas situações impostas pela condição da criança.

Após esse primeiro “impacto”, inicia-se um melhor entendimento sobre a nova “realidade” que será vivenciada, busca-se, então, respostas a todas as dúvidas e questionamentos acerca da melhor forma de lidar com o filho surdo. Conforme Campos (2006) menciona, na maioria das vezes, a mãe assume toda e qualquer responsabilidade nesse processo de superação em nome da “pessoa com deficiência”, até que ela possa ter uma vida independente e possa, ela mesma, manifestar seus interesses e lutar por seus direitos.

A busca pelo “caminho” a seguir com o filho surdo dependerá de muitas circunstâncias, pois a “aceitação” ou não da diferença linguística do filho possibilitará mais rapidamente o contato com a Língua de Sinais. Quando a família aceita essa diferença linguística de seu filho e consegue rapidamente entrar em contato com escolas, comunidades e consequentemente com a Língua de Sinais, mais rapidamente essa criança adquire uma forma de comunicação, pois conforme Quadros (2005), a participação da família é extremamente importante para a aquisição da identidade do surdo.

O mesmo ocorre com relação à aprendizagem da Libras, por isso torna-se essencial que as famílias aceitem essa nova forma de dialogar e aprendam, coletivamente, a fazê-lo e como afirma Quadros (2005, p. 30),

> A partir desta compreensão, as crianças surdas precisam ter a chance de desfrutar do encontro surdo-surdo. Os pais ouvintes precisam descobrir este mundo essencialmente visual-espacial e conhecer a língua de sinais brasileira e ir além, descobrindo os vieses das culturas e identidades que entrecruzam. Possibilitar a aquisição da linguagem das crianças surdas implicará um desenvolvimento mais consistente no processo escolar.

A importância da comunicação entre pais e filhos é fundamental para o desenvolvimento e construção do jovem cidadão e, em se tratando de jovens surdos, essa condição é ainda mais importante. Segundo Negrelli e Marcon (2006, s. p.),

> É por meio da comunicação que o ser humano se integra, participa, convive e se socializa. Nesse processo, a família aparece como grande responsável, pois é nela que se inicia a formação social de um ser humano. Para isso acontecer, é necessário o estabelecimento de um canal de linguagem comum. Assim, o que normalmente se desenvolve em uma família de ouvintes torna-se um desafio quando existe um surdo dentro de casa.

Se esse desafio, dentro de casa, não for vencido, poderá gerar, dentro do núcleo familiar, um “abismo” existente entre a comunicação de pais e filhos. Estudos como os de Goldfeld (1997), mostram que a maioria das famílias de surdos são compostas por pais ouvintes, o que pode agravar a distância entre a informação e a pessoa surda se não houver uma comunicação em língua de sinais, afinal,

> […] mais de 90% dos surdos têm família ouvinte. Para que a criança tenha sucesso na aquisição da língua de sinais, é necessário que a família também aprenda a mesma, de forma que a criança possa utilizá-la para se comunicar em casa (GOLDFELD, 1997, p. 40).

Quando a Língua de Sinais passa a ser aceita e utilizada como meio de comunicação dentro da família do surdo, suas percepções de mundo, bem como a vida social passa a ser melhor e mais completa, já que dessa forma as informações cotidianas e gerais podem ser transmitidas não só na escola, mas dentro de seu próprio núcleo de convívio.

2.1 A realidade do tradutor-intérprete de Libras/português e a relação com os surdos

Grandes debates são lançados acerca do papel do tradutor-intérprete, essencialmente na área educacional na educação básica, envolvendo a transmissão do conteúdo para os alunos através da tradução e interpretação como agente da comunicação, até esse profissional como educador da educação especial com foco no ensino-aprendizagem. Lacerda (2009, p. 149) afirma que

> Muitas vezes, instituições de ensino recebem alunos surdos sem ter clareza de como ajustar suas práticas para tornar o espaço educacional bilíngue, e de como fornecer ações que envolvam adequadamente estudantes surdos e ouvintes. Se o TILS (Tradutores e Intérpretes de língua de sinais) que vai atuar neste espaço tiver uma formação adequada a este respeito, poderá colaborar para que o espaço educacional efetive práticas de educação inclusiva bilíngue

De acordo com Lacerda (2009), o tradutor-intérprete de Libras/português educacional trabalha ativamente no processo de ensino-aprendizagem, não apenas interpretando conteúdo, mas também se envolvendo nos modos de tornar os conteúdos acessíveis a partir de conversas e troca de informações.

Considerando que faz parte de suas atividades a colaboração com o professor regente para o desenvolvimento do surdo, incorpora suas atribuições à troca de conhecimentos relacionados à adequação de material para as aulas, tornando-as mais visuais através da utilização de imagens, vídeos e materiais concretos.

Segundo a pesquisadora supracitada, esse profissional também pode ser consultado quando da necessidade de avaliar o uso ou não de legenda ou de tradução para Libras nos vídeos expositivos apresentados em aula, além de propor adequação dos materiais para que se apresentem de maneira mais visual. Pode também colaborar com informações sobre os maiores desafios que o surdo enfrenta em relação à Língua portuguesa por ser de uma modalidade diferente da sua, já que a comunicação se dá de forma oral-auditiva, sendo,

portanto, utilizada pelas pessoas surdas apenas na modalidade escrita, como uma segunda língua. Além disso, poderá colaborar em relação à comunicação, avaliação, organização da sala e até mesmo com conteúdo relacionado à diferença linguística. As possibilidades colaborativas são inúmeras.

Salienta ainda, que não cabe ao tradutor-intérprete de Libras/português educacional ensinar o aluno, mas poderá contribuir sobre as informações educacionais e linguísticas do aluno surdo, bem como traduzir e interpretar tanto Libras para português quanto português para Libras na função de mediar a aprendizagem.

De acordo com Albres (2015), o tradutor-intérprete além de mediar relações, medeia a aprendizagem do surdo:

> Para compreender o processo de ensino-aprendizagem se faz necessário superar o paradigma educacional da "transmissão" ainda muito arraigado na concepção de professores e refletido em atividades educacionais, por um paradigma de mediação, que privilegie a aprendizagem por meio da interação professor-aluno mediada pela linguagem e na especificidade também pela presença do profissional intérprete educacional (ALBRES, 2015, p.68).

Assim sendo, a fala do professor em uma língua é interpretada para outra destinada ao aluno surdo com o objetivo específico de promover a aprendizagem de determinado conteúdo ou conceito (ALBRES, 2015). Para Martins (2016), o professor torna-se parceiro do tradutor-intérprete, trazendo os conteúdos e mediando ao tradutor-intérprete que, nessa "trama", torna-se mediador do mediador. Pensando nessas perspectivas, o tradutor-intérprete não desempenha o papel de transmissor da fala do professor mas, sim, a efetiva participação e desenvolvimento dos conteúdos de maneira colaborativa.

Com base nessas reflexões teóricas, entende-se que a escolha pela formação e atuação de tradutor-intérprete de Libras/português coloca o profissional atuante sem maiores envolvimentos emocionais com os surdos, visto que interage com eles apenas como um agente da tradução e interpretação das informações tidas como normais para um modelo de comunicação que possibilite ao aluno surdo o entendimento das questões abordadas em sala de aula. O envolvimento emocional não compõe o currículo formativo e as atribuições na atuação desse profissional, porém, o presente estudo apresenta uma perspectiva que pode avançar essas reflexões, lançando luz sobre diferentes olhares na relação "surdo-intérprete".

3 Metodologia

Durante a busca por pares entre mães e tradutoras-intérpretes de Libras/português, foram significativos os encontros que refletiram em empatia nesse desafio que incide sobre o limiar profissional/emocional. Pamplona Filho e Gagliano (2014, p. 45) definem que "família é o núcleo existencial integrado por pessoas unidas por vínculo sócio afetivo, teologicamente vocacionada a permitir a realização plena dos seus integrantes". Envolvida por este vínculo emocional, havendo pessoas surdas em igrejas, no meio social, dentro da própria família, caso a mãe se comunique em Libras, quem acaba sendo a tradutora-intérprete é ela. A partir de seu envolvimento com o desenvolvimento de seu filho, ela passa a pensar na possibilidade de ter uma profissão ligada ao seu conhecimento, ser tradutora-intérprete de Libras/português.

É possível a mãe de um surdo atuar profissionalmente sem transitar entre questões profissionais e emocionais? O artigo visa demonstrar como são relevantes as diferentes nuances entre o profissional e as várias facetas e mazelas emocionais que permeiam a vida familiar, social e escolar do filho surdo.

A base da pesquisa realizada é de natureza etnográfica, considerando que a pesquisa baseada nessa metodologia se estrutura na valorização do senso comum, respeitando a compreensão e interação de mundo em que o sujeito é formado e tem a finalidade de desvendar a realidade através de uma perspectiva cultural (SEGOVIA HERRERA, 1988).

Para subsidiar a metodologia, foi utilizada uma abordagem qualiquantitativa, optando-se por utilizar como instrumento uma pesquisa contendo 11 questões do tipo fechada, ou seja, com alternativas de múltipla escolha e 4 questões abertas, que visaram permitir que as participantes pudessem expressar, de forma mais livre, suas considerações sobre o tema abordado. As questões, respostas e relatos que se mostraram pertinentes a este estudo, compuseram os quadros produzidos para análise. O questionário foi aplicado e respondido entre os meses de fevereiro e maio de 2021.

O público-alvo dessa pesquisa é formado por um total de nove mães de surdos que atuam como tradutoras-intérpretes em diferentes contextos: instituições de ensino, empresas, instituições religiosas, clubes e associações, entre outros. As mães selecionadas são voluntárias residentes nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Brasília.

Como instrumento de pesquisa, utilizou-se a plataforma Google, onde foi possível criar um formulário através do Google Forms e disponibilizá-lo no Google Drive, por serem de fácil acesso e manuseio.

4 Resultados e análise da pesquisa

Após coletar as respostas das mães entrevistadas, as mesmas foram organizadas em quadros para análise. As mães foram identificadas com números de um a nove, preservando, dessa forma, suas identidades.

Quadro 1: Dados de identificação

	Idade mãe	Idade filho	Grau de formação	Formação em Libras/português
MÃE 1	72	37	mestrado	especialização em tradução e interpretação
MÃE 2	47	19 e 26	especialização	técnico em tradução e interpretação
MÃE 3	51	22 e 26	especialização	especialização em tradução e interpretação
MÃE 4	55	23	graduação	graduação em tradução e interpretação
MÃE 5	41	20	especialização	especialização em tradução e interpretação
MÃE 6	40	16	graduação incompleta	técnico em tradução e interpretação
MÃE 7	54	24	graduação	técnico em tradução e interpretação
MÃE 8	44	27	mestrado	especialização em tradução e interpretação
MÃE 9	46	27	especialização	especialização em tradução e interpretação

Fonte: Elaborado pelas autoras

A pesquisa contou com 9 mães de surdos e tradutoras-intérpretes de Libras/português, com idades entre 40 e 72 anos, tendo filhos crescidos, com faixas etárias entre 16 e 37 anos. Quando se avalia o grau de instrução das respondentes, pode-se observar que 6 delas têm mestrado e ou especialização, sendo que as demais têm graduação (completa ou não). Sob a ótica de formação em Libras/português tivemos 5 dentre as 9 respondentes com especialização, uma com graduação e três com curso técnico.

Quadro 2: Local de atuação

	Instituição de nível Fundamental II	Instituição de nível Superior	Igrejas	Outros
MÃE 1			X	
MÃE 2		X		
MÃE 3		X		
MÃE 4		X		
MÃE 5				X
MÃE 6	X			
MÃE 7		X		
MÃE 8		X		
MÃE 9	X			

Fonte: Elaborado pelas autoras

Os locais de atuação de 5 das respondentes são instituições de ensino superior, 2 em instituições de ensino fundamental II e as demais em igrejas e outras atividades. Pode-se observar o número significativo de mães atuando no ensino superior, seguido do ensino fundamental II. Esta realidade corrobora o envolvimento dessas mães que, muitas vezes, buscam investir em formação para continuar atuando no atendimento aos próprios filhos. No caso da pesquisadora deste estudo, em particular, foi o caminho trilhado para continuar atendendo a filha surda.

Quadro 3: Percepção da diferença entre ter ou não filho surdo na atuação

	Não	Sim, porque devido à minha relação familiar, as questões particulares envolvendo surdos são fortes mesmo na atuação profissional.	Sim, porque consigo compreender melhor algumas situações específicas do cotidiano da vida do surdo.	Sim, porque me sinto parte da situação ou problema em que o surdo está inserido.	Sim, outro
MÃE 1	X				
MÃE 2				X	
MÃE 3			X		
MÃE 4			X		
MÃE 5			X		
MÃE 6		X			
MÃE 7				X	
MÃE 8					X
MÃE 9				X	

Fonte: Elaborado pelas autoras

A quase totalidade das respondentes admite a ocorrência da percepção de diferença positiva quanto às atividades como tradutora-intérprete de Libras/português e o fato de terem, elas próprias, filhos na condição de surdos. A situação deu-lhes a capacidade da empatia, considerando que conseguem entender os problemas, as dificuldades e as nuances encontradas por um surdo e sua família quando se defrontam com as limitações comunicativas de uma sociedade ouvinte. Apontam-se 3 das respondentes da pesquisa que mencionaram: “Existe diferença positiva, pois consigo compreender melhor algumas situações específicas da vida do surdo”.

Quadro 4: Atuação como tradutor-intérprete de Libras/português do filho surdo

	Não	Sim, em reuniões familiares	Sim, em situações que são necessárias a atuação de um tradutor-intérprete como: médico, órgãos públicos ou privados, exames, etc
MÃE 1		X	
MÃE 2			X
MÃE 3			X
MÃE 4			X
MÃE 5		X	
MÃE 6			X
MÃE 7			X
MÃE 8	X		
MÃE 9			X

Fonte: Elaborado pelas autoras

Apenas 1 das 9 respondentes afirmou que não atua como tradutora-intérprete do filho. Das outras 8 respondentes, 6 delas atuam em "situações em que são necessárias a atuação de um tradutor-intérprete como: visitas médicas, órgãos públicos ou privados, exame, etc." E 2 das que atuam como tradutoras-intérpretes dos filhos surdos o fazem para facilitar a comunicação dentro das respectivas famílias. Pode-se inferir que, mesmo com toda a legislação vigente em relação à difusão da Libras, quando as pessoas surdas têm mães que conhecem Libras, estas tornam-se a ponte entre esses sujeitos e todos a sua volta.

Por outro lado, há clara percepção de que tradutoras-intérpretes mães de surdos buscaram tal conhecimento para facilitar e atuar na suavização das dificuldades de seus respectivos filhos, antes de serem profissionais.

Quadro 5: Dificuldades em manter postura profissional ante o envolvimento afetivo devido à relação familiar

	Sim, quando percebi que o surdo estava sendo discriminado.	Sim, quando presenciei uma injustiça em relação ao surdo.	Sim, quando percebi que o surdo estava sendo alvo de *bullying*.	Sim, quando vi que pessoas que lidavam com o sujeito surdo não tinham o mínimo de conhecimento sobre o ser surdo e as questões básicas que o permeiam	Outro
MÃE 1			X		
MÃE 2	X				
MÃE 3				X	
MÃE 4		X			
MÃE 5	X				
MÃE 6				X	
MÃE 7				X	
MÃE 8					X
MÃE 9				X	

Fonte: Elaborado pelas autoras

Falando das dificuldades em manter a postura profissional frente ao envolvimento familiar, obtivemos as seguintes respostas: 4 das mães sentiram dificuldades em manter sua postura de tradutora-intérprete em seu ambiente de trabalho quando perceberam que as pessoas que lidavam com o surdo não possuíam o conhecimento acerca do mesmo; 2 sentiram essa dificuldade quando perceberam que o surdo em questão estava sendo discriminado; 1 respondeu que foi quando presenciou injustiça em relação ao surdo; bem como 1 das participantes respondeu que casos de *bullying* eram os mais difíceis. Demonstrando dessa forma que, por muitas vezes, manter a postura frente às injustiças e/ou falta de informação da sociedade em geral, torna-se difícil, pois, além da postura profissional, também são mães.

Quadro 6: Envolvimento afetivo e intervenção no trabalho

	Sim, quando o professor desconhecia as peculiaridades de acesso ao conhecimento do surdo.	Sim, quando pessoas que interagem diretamente com o surdo desconheciam as questões específicas da Libras e sua importância na formação do surdo.	Sim, quando as atividades propostas não se adequavam ao surdo.
MÃE 1			X
MÃE 2	X		
MÃE 3		X	
MÃE 4			
MÃE 5			
MÃE 6	X		
MÃE 7			
MÃE 8			
MÃE 9		X	

	Sim, quando a estrutura escolar não promove a inclusão do educando surdo, em todo o seu contexto (direção, orientação pedagógica, administração etc.).	Sim, quando os colegas do aluno surdo não recebem as informações necessárias para que haja uma interação.	Sim, quando a gerência da empresa ou instituição não promove cursos de capacitação para que seus colaboradores conheçam e compreendam o contexto do colega surdo.	Sim, outro
MÃE 1				
MÃE 2				
MÃE 3				
MÃE 4	X			
MÃE 5			X	
MÃE 6				
MÃE 7		X		
MÃE 8				X
MÃE 9				

Fonte: Elaborado pelas autoras

Na questão que aborda o envolvimento afetivo e intervenção no ambiente de trabalho, obtiveram-se os seguintes resultados: 2 mães responderam que intervieram no ambiente de

trabalho quando o professor desconhecia as peculiaridades dos alunos surdos; 2 responderam que se manifestaram quando pessoas que interagem com os surdos desconheciam questões sobre a pessoa surda e a Libras; 3 responderam questões ligadas ao ambiente escolar e acabaram interferindo quando as atividades propostas não estavam adequadas, quando a estrutura escolar não promovia a inclusão do surdo e quando os colegas do mesmo não recebiam informações necessárias para a interação e convivência significativa. Finalizando, 1 respondeu que interferiu quando a empresa não promoveu cursos que preparassem os colegas ouvintes para compreender o contexto do colega surdo. As situações apontadas no questionário, mais uma vez, evidenciam a falta de conhecimento de vários profissionais que lidam com os surdos.

Quadro 7: Contribuição pessoal ao desenvolvimento do próprio filho

	Sim, porque sendo tradutora-intérprete foi possível ter acesso a uma boa comunicação e dessa forma contribuir para seu conhecimento.	Sim, porque sendo tradutora-intérprete meu filho demonstrou mais segurança, desenvolvendo mais autoconfiança e autoestima.	Sim, porque sendo tradutora-intérprete pude compreender sobre as especificidades e as variáveis que cercam meu filho surdo.	Outro
MÃE 1		X		
MÃE 2			X	
MÃE 3			X	
MÃE 4			X	
MÃE 5	X			
MÃE 6	X			
MÃE 7			X	
MÃE 8				X
MÃE 9	X			

Fonte: Elaborado pelas autoras

Dentre as questões propostas no questionário, considerou-se importante questionar sobre a contribuição da mãe e tradutora-intérprete para o desenvolvimento de seu filho surdo, e as respostas foram as seguintes: 4 delas responderam que acreditam ser importante porque podem compreender melhor as questões específicas e as variáveis da vida do surdo; 3

responderam que através de sua profissão foi possível ter uma boa comunicação, contribuindo para acesso ao conhecimento do surdo; 1 respondeu que acredita ser importante para o desenvolvimento da confiança e autoestima do filho surdo. A partir das respostas apresentadas identificamos que, de alguma forma, a profissionalização das mães tradutoras-intérpretes proporcionou uma melhor participação e compreensão da vida e cotidiano do surdo, enquanto ser social.

Quadro 8: O que te fez se interessar por essa profissão?

MÃE 1	Filho surdo
MÃE 2	Comecei a aprender Libras quando descobri que tinha filho surdo e na época não tinha faculdade com intérprete e pensei em me especializar.
MÃE 3	A necessidade do surdo na comunicação em diversas situações.
MÃE 4	Por meu filho
MÃE 5	A necessidade da comunicação com meu filho surdo. Ele me deu uma nova profissão.
MÃE 6	O fato de poder me comunicar melhor com meu filho e com outros surdos, me sensibilizo com situações de isolamento sofrida pelos surdos na comunidade ouvinte.
MÃE 7	Conhecer com maior profundidade a Língua Brasileira de Sinais e poder atuar como instrumento de acessibilidade, não só para meu filho, mas como também para outros surdos.
MÃE 8	Ser facilitadora na vida de minha filha.
MÃE 9	Como consequência pelo fato de ter uma filha surda e pela oportunidade de acompanhá-la na escola.

Fonte: Elaborado pelas autoras

Perguntando sobre o que fez cada uma se interessar pela profissão de tradutor-intérprete de Libras/português, considerou-se importante que a questão fosse aberta, onde pudessem explicar e se expressar melhor em comparação com questões fechadas, que, muitas vezes, não contemplam todas as ideias das respondentes. Fica evidente, a partir dos relatos, que as mães se interessaram pela profissão a partir do nascimento do filho surdo, reafirmando o que foi escrito no corpo do trabalho, onde exemplifico que a maioria das mães acabam sendo tradutoras-intérpretes para auxiliar o filho e ver o melhor desenvolvimento dele, bem como na tentativa de minimizar as barreiras de comunicação de uma sociedade majaritariamente ouvinte.

Quadro 9: Qual o papel da mãe tradutora-intérprete na vida de seu filho junto à comunidade surda?

MÃE 1	Ser presente em tudo
MÃE 2	Lutar pelo acesso à sociedade.
MÃE 3	Colaborar e ajudar os surdos a terem seus direitos respeitados.
MÃE 4	Acredito que seja a interação, não somente com meu filho, mas todos os surdos que nos rodeiam.
MÃE 5	Ser referência para a comunidade por saber a língua deles.
MÃE 6	Participar ativamente na luta pelos direitos do filho, muitas vezes usando da sua profissão voluntariamente.
MÃE 7	Mostrar a aceitação da família em relação a língua materna de seu filho, divulgar o desenvolvimento das potencialidades do surdo que adquire sua língua e ser instrumento de acessibilidade para a comunidade surda.
MÃE 8	Conscientizar, ser modelo para outras famílias de surdos em relação a Língua de Sinais.
MÃE 9	Apoiar a interação da filha junto à comunidade e, ao mesmo tempo, aprender como as comunidades funcionam.

Fonte: Elaborado pelas autoras

Analisando as respostas, pode-se perceber em várias delas, a intenção, e porque não dizer, a ação de servir de modelo para toda uma sociedade, como membro da família de uma pessoa surda que se debruça sobre esse interesse em fazer parte da sua vida, de aprender sua língua e conhecer este universo surdo. Destaca-se uma das respostas: “lutar com eles pelo acesso à sociedade”, como a revelação da entrega de uma mãe de surdo comprometida e dedicada à causa surda. Percebe-se, também, a estreita ligação emocional manifestada pelas mães tradutoras-intérpretes, na tentativa de auxiliar nas dificuldades enfrentadas por seus filhos.

Quadro 10: Como se sente sendo tradutora-intérprete de Libras/português e mãe de surdo?

MÃE 1	Muito bem.
MÃE 2	Bem, mas muitas vezes cobrada, como se tivesse que saber tudo.
MÃE 3	Me sinto muito bem por estar no contexto de vida deles, compreender toda e qualquer necessidade e auxiliar.
MÃE 4	Uso de empatia sempre.
MÃE 5	Privilegiada.
MÃE 6	Fortalecida porque consigo entender a angústia dos pais, faço todo o possível para proporcionar um aprendizado real e consistente para o surdo. Me sinto com poder de fazer algo efetivo para o desenvolvimento da pessoa com surdez.
MÃE 7	A mais feliz das pessoas porque consigo ter uma comunicação efetiva com meu filho. No curso de intérpretes aprendemos diversas técnicas para melhorar nossa tradução, interpretação e comunicação. A comunicação é tudo para a formação do ser humano.
MÃE 8	Orgulhosa.
MÃE 9	Completa, pois além da língua pude compreender todas as nuances que cercam o sujeito surdo.

Fonte: Elaborado pelas autoras

Na questão em que se questiona sobre como se sente sendo tradutora-intérprete e mãe de surdo, fica clara a satisfação e a felicidade, pois além de auxiliar seu próprio filho, usa de empatia e conhecimento sobre as peculiaridades que permeiam a vida do surdo, podendo dessa forma contribuir para a construção de uma sociedade mais inclusiva. A comunicação efetiva com os filhos se traduz em felicidade pelo fato de ajudá-los nas adaptações e exigências da vida cotidiana.

Quadro 11: Relate alguma situação que aconteceu com você com relação a ser tradutora-intérprete e mãe de surdo:

MÃE 1	Sem entender.
MÃE 2	Ser intérprete no emprego onde a empresa chama para conversar com a psicóloga e não foi fácil separar mãe e intérprete.
MÃE 3	Fui intérprete para a minha filha e entreguei a camisa de futebol quando ela foi contratada pelo Palmeiras como jogadora profissional.
MÃE 4	Quando meu filho iniciou a faculdade, no primeiro semestre, fui interpretar para ele, mesmo alguns professores não sabendo que eu era mãe dele, sempre achavam que eu iria dar a resposta, fazer tarefas e trabalhos.
MÃE 5	Ouvir palavras discriminatórias e ofensivas, onde tive que interferir com sabedoria e conhecimento, mas no início era difícil me conter. Já ocorreu de me levantar na sala e explicar tudo o que estava sendo falado para a professora surda. Eles pediram para eu não falar e eu fiquei indignada. Injustiça comigo não tem vez.
MÃE 6	Em sala de aula, uma professora menosprezava a capacidade da aluna surda, dizendo que ela atrapalha a aula, diz que a intérprete chama mais a atenção dos alunos quando está explicando, sugerindo que a interpretação seja feita separada num canto da sala. Isso me incomoda bastante. A empatia com sentimento de mãe, na mesma situação me causa indignação e tristeza. Então, uso todo meu conhecimento sobre os direitos do surdo.
MÃE 7	Ah, muitas. Quando atuo sou até chata porque me desdobro para que o surdo perca o menos possível das informações passadas. Tenho a mania de perguntar se ficou claro. Não quero que ele perca nada, mesmo sabendo que em processos tradutórios existem perdas.
MÃE 8	Não consigo ser intérprete da minha filha, em uma consulta médica por exemplo, não é possível manter a neutralidade, sempre há intervenção da minha parte, em qualquer área ou assunto em que ela esteja envolvida.
MÃE 9	Ser intérprete da minha filha em uma sessão de psicoterapia e descobrir que ela já teve ideias suicidas. Foi muito difícil não manifestar a surpresa em relação ao fato.

Fonte: Elaborado pelas autoras

Os relatos, quase que em sua totalidade das mães respondentes, referem percepções discriminatórias e ou de falta de conhecimento da população em geral, o que ocasiona situações desagradáveis tanto para os surdos como para as pessoas que estão presenciando a situação. Percebe-se que as mães e tradutoras-intérpretes presenciaram situações constrangedoras ou extremamente emocionantes como: entregar a camisa de futebol para a filha surda que se tornara jogadora profissional, ou enfrentar uma situação em que a filha

responde ao psiquiatra que já teve ideias suicídas e que não tinha a menor ideia. Essas situações são uma pequena amostra do que vivenciam ao decorrer da sua trajetória de vida.

5 Conclusão

A manutenção do equilíbrio emocional é, por si só, um desafio para todas as pessoas.

Manter o foco nas circunstâncias que possibilitam avaliações e, depois delas, um posicionamento isento e maduro exige, geralmente, uma dimensão de maturidade emocional que a grande maioria das pessoas não tem.

No caso de mães e tradutoras-intérpretes a situação não é diferente. Ver filhos e/ou filhas serem colocados em situações desagradáveis nos levam a adotar posturas que, muitas vezes, não condizem com o pressuposto da função "tradutor-intérprete".

Avaliando as propostas do objetivo principal do estudo que vem a ser analisar como se dá a constituição do sujeito tradutor-intérprete de Libras/português enquanto mãe de surdo, foram observados que as mães e tradutoras-intérpretes optaram pela profissão a partir da descoberta do filho surdo, com intuito de auxiliar em sua formação e sua proteção. No desenvolver do trabalho também foi abordado como as situações acerca do nascimento do filho surdo podem interferir no comportamento da família, especialmente da mãe, algo que se mostrou impactante e transformador, já que o instinto materno se debruçou sobre o esforço de tentar minimizar as barreiras comunicativas entre seus filhos e a sociedade majoritariamente ouvinte.

Foram traçados objetivos específicos para melhor embasar as informações buscadas a partir da questão-problema. Em relação ao objetivo que propõe identificar questões positivas e negativas da atuação de mãe enquanto tradutora-intérprete de seu filho surdo, pode-se constatar que a maioria das mães de surdo participantes do estudo se deparam com a realidade de viver momentos em que as emoções acabam interferindo em sua atuação como tradutora-intérprete e que se torna visivelmente difícil não demonstrar tal manifestação.

Ao mencionar outro objetivo específico que tenta apontar as dificuldades de atuar profissionalmente, diferenciando as questões emocionais, constatou-se que misturar comportamentos (lógica e emoção) parece um traço comum em mães e tradutoras-intérpretes. Parece óbvia que essa tendência de comportamento se observa nas mães quando julgam que seus filhos ou outros surdos estão sofrendo algum tipo de discriminação.

E como último objetivo específico traçado, buscou-se identificar alguns aspectos importantes da atuação e formação da mãe enquanto tradutora-intérprete, contribuindo e auxiliando nas conquistas da comunidade surda, na educação bilíngue de Libras/português e no reconhecimento do sujeito surdo enquanto cidadão. Para essa questão, as respostas se direcionaram para a afirmação de uma efetiva participação na luta pelos direitos dos surdos, lutar pela acessibilidade e conscientizar outras famílias de surdos sobre a importância de aprender e conhecer a Libras e as especificidades dos surdos.

Analisando as respostas das mães e tradutoras-intérpretes, compreendeu-se que apesar de se saber que a formação para atuar como tradutora-intérprete de Libras/português constrói-se em posturas profissionais que priorizem a mediação comunicativa, sem considerar eventuais envolvimentos emocionais, pelo fato da profissional ser também mãe de surdo, as questões emocionais são inevitáveis.

Claro que se deve considerar que agir com emoção, muitas vezes, não traduz ações construtivas, pois pouco representam as dificuldades que os surdos enfrentam na sociedade majoritariamente ouvinte, em meio a pessoas que desconhecem sobre as questões que envolvem o sujeito surdo. Dessa forma, o equilíbrio entre razão e emoção precisa ser um exercício diário para essas profissionais, sem deixar de atender as demandas de seus filhos.

Entendeu-se, por fim, que a questão proposta neste estudo evidencia a difícil arte de equilibrar razão e emoção quando se age como mãe de surdo e não como tradutor-intérprete de Libras/português. Trata-se de uma realidade desafiadora, muito mais pelo fato dessas profissionais serem primeiramente mães do que por serem profissionais.

Espera-se que este estudo possa se somar a outros para fomentar reflexões a partir de dados que ainda precisam ser computados e analisados. Este estudo se lança em meio à comunidade científica como uma análise a ser confirmada ou refutada com o intuito de buscar uma evolução no que concerne as relações afetivo-profissionais de tradutoras-intérpretes de Libras/português.

Enquanto mães e tradutoras-intérpretes de Libras/português, estas são humanas, constituídas das dores e impulsos que movem o ser, misturando razão e emoção, movidas por amor e maternidade, pelo sentimento de acolher e proteger. A motivação é o amor e a prova deste sentimento é o envolvimento ao mergulhar no universo que constitui a vida de um filho surdo.

REFERÊNCIAS

ALBRES, N. A. *Intérprete Educacional*: Políticas e Práticas de Aula Inclusiva. São Paulo: Editora Harmonia, 2015.

CAMPOS, J. A. P. P. *Aplicação de um programa de habilidades sociais em situação natural de trabalho de pessoas com deficiência*. 2012, 164 f. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, São Carlos, 2006.

FILHO, R. P.; GAGLIANO, P. S. *Novo Curso de Direito Civil*. Vol. I. São Paulo: Saraiva, 2004.

GOLDFELD, M. *A criança surda*: linguagem e cognição numa perspectiva sóciointeracionista. São Paulo: Plexus, 1997.

LACERDA, C. B. F. *O intérprete de Libras em atuação na Educação Infantil e no Ensino Fundamental*. Porto Alegre: Mediação FAPESP, 2009.

LOPES, B. R.; SANTOS, M. M. Impasses da educação inclusiva: o luto simbólico do filho idealizado e o ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos. *Revista Panorâmica*, Pontal do Araguaia, v. 1, 2020. Disponível em: https://periodicoscientificos.ufmt.br/revistapanoramica/index.php/revistapanoramica/article/view/1169. Acesso em: jan. 2021.

MARTINS, V. Tradutor e intérprete de língua de sinais educacional: desafios da formação. *Revista Belas Infiéis*, Brasília, v. 5, p. 147–163, 2016.

NEGRELLI, M. E. D.; MARCON, S. S. Familia e criança surda. *Revista Ciência, Cuidado e Saúde*, Maringá, v. 5, n. 1, p. 98–107, jan. 2006.

OLIVEIRA, R. G. *et al.* A experiência de famílias no convívio com a criança surda. *Revista Acta Scientiarum*, Maringá, v. 26, n. 1, p. 183–191, 2004.

QUADROS, R. M.; LILLO-MARTIN, D. Aquisição das línguas de sinais e a morfologia verbal nas línguas de sinais brasileira e americana. *In*: ENCONTRO DO NORDESTE EM AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM – I ENEAL, 1, 2005, Pernambuco. *Anais* […] Pernambuco: Unicap, 2005.

SEGOVIA HERRERA, M. Risco e segurança do trabalho desde o ponto de vista de um grupo de trabalhadores de uma agência de distribuição de energia elétrica. *In*: ENCONTRO INTERAMERICANO DE PESQUISA QUALITATIVA EM ENFERMAGEM, 1, 1988, São Paulo. *Trabalhos.* São Paulo: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, 1988. p. 63–9.

Artigo submetido em: 19 jul. 2023

Aceito para publicação em: 13 out. 2023

DOI: https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.134093